

MARIOLOGIA LATINO-AMERICANO E MISSÃO – II

Júlio Caprani*

* Estudante da pós-graduação no ITESP

Resumo:

Nesta segunda parte, Caprani tem presente, de início, alguns aspectos da relação de Maria – Estrela da Missão – com maternidade e seu profundo significado cultural e religioso. O autor retoma o fenômeno da devoção mariana popular latino-americana relacionando-a com o lugar que Maria passa a ter em alguns dos documentos eclesiais latino-americanos mais importantes. Ele atribui a esta relação uma fonte especial de força para o anúncio querigmático do Reino e ressalta alguns elementos que merecem atenção tais como a dimensão humana da fé, a importância dos santuários marianos e o ecumenismo.

Palavras-chave: Mariologia; América Latina; Devoção Mariana; Devoção Mariana e Maternidade; Maria e Missão.

Abstract:

Capriani in this second part of his article, has in mind some aspects of the relationship of Holy Mary – *Star of Mission* – with motherhood and its deep cultural and religious meanings. The author incorporates this Latin American phenomenon of popular Marian devotion, relating it to the Mary's place in some of the most important Latin American ecclesiastical documents (Puebla, Aparecida and so on). This relationship is a special source of strength for the querigmatic announcement of the Kingdom and points out some elements that deserve special attention like the human dimension of faith, the importance of Marian sanctuaries and ecumenism.

Key words:

Mariology; Latin America: Marian devotion; Marian Devotion and maternity; Virgin Mary and Mission.

INTRODUÇÃO.

Neste segundo momento o nosso intuito será apresentar *o rosto, a fisionomia* da mariologia latino-americana a partir da reflexão que estamos realizando. Partindo de Maria na história e na vida do continente, desde o início da evangelização.

Será que é possível fazer este trabalho? E o por quê disto? Para poder sintetizar todos estes anos de vivência profundamente marcados pela presença de Maria, mãe de Jesus e nossa.

Servindo-nos de uma imagem que pode nos ajudar para isto, chegou o momento de *garimpar* como o garimpeiro faz, para obter entre inúmeras pedras, um pedacinho de ouro ou diamante; faremos o mesmo com a caminhada feita até aqui e apontar a partir do essencial as luzes para a fé dos nossos povos e principalmente para nossa ação evangelizadora, que tem desde o início, a Maria, como *Estrela da Evangelização*.

Tudo o que colhemos da história de Maria deve nos ajudar cada dia mais a:

- Comprometermo-nos a um discernimento das devoções, orientando-as para que partam da vida, alcancem a totalidade das pessoas e sejam instrumentos de vivência do amor, da fidelidade à fé e à comunhão eclesial;
- A nossa expressão de devoção mariana seja realmente solidária, percebendo a necessidade daqueles que mais precisam, tornando-os evangelizadores e portadores da Boa Notícia do Reino, a exemplo de Maria;
- Repensar e recapacitarmo-nos, pessoal ou coletivamente, como membros vivos e co-responsáveis da Igreja; o que nos conscientiza a assumirmos uma participação mais efetiva na própria sociedade, nas mais diversas áreas e setores da mesma, para poder doar aos irmãos e irmãs de nosso tempo um sentido de vida plena e profunda.

2. O ROSTO DA MARIOLOGIA LATINO-AMERICANA: LUZES PARA NOSSA FÉ E PARA NOSSA AÇÃO EVANGELIZADORA

2.1 Maria, estrela da evangelização

Ao querer apresentar Maria como a *estrela da evangelização*, devemos reconhecer que Puebla foi a conferência que mais destaque deu à figura e presença de Maria na ação evangelizadora em nosso continente. O Documento Final de Puebla não se reduz a uma mera constatação da forte presença de Maria na história e na atualidade religioso social de nossos povos. Ele enfatiza e deixa claro este aspecto característico do nosso ser católico.

Porém, diante dos desafios do mundo de hoje, e principalmente neste tempo de grandes mudanças, a evangelização em nosso continente Latino-americano necessita urgentemente de um novo impulso e uma nova e profunda renovação. A necessidade maior radica-se em voltar o nosso olhar retrospectivamente para a história dos nossos povos (cinco séculos se passaram!), a fim de poder enxergar e reconhecer os dons de Deus na vida dos homens e mulheres deste tempo. Ao falar disto, é preciso que este *olhar para trás* não nos leve a um estéril romantismo e a um esquecimento das muitas falhas passadas e atuais.

Ao passar nosso olhar pelo trabalho feito até agora, podemos dizer que realmente, é preciso acordar, é necessária a nossa ação e participação. Porém, a história nos mostra que cada vez que se tentou realizar uma conscientização e assumir, de fato, o compromisso operante da fé, nem sempre o *partir de cima* foi o caminho mais correto e exitoso. Ou seja, também na ação evangelizadora da Igreja, o Magistério deveria colher a experiência que o povo – especialmente as pequenas comunidades – realizou para poder articular, desde ele mesmo, esta tarefa tão urgente e primordial que chamamos de evangelização.

Até aqui se falou muito sobre o tema, mas o que se entende concretamente por ação evangelizadora ou evangelização? Na evangelização renovada do homem e da mulher, e dos povos de *América Latina*, *Maria é colocada no centro* desta tarefa primordial da Igreja.

Tal tarefa consiste, antes de tudo, na acolhida, na vivência plena e proclamação da salvação trazida por Jesus Cristo. Nele somos libertados de tudo aquilo que não nos permite corresponder com liberdade à vocação primeira de seres humanos e filhos de Deus. Somos, portanto, libertados do pecado, causa e origem de todo mal, seja este pessoal ou social.

Evangelização é, por conseguinte, vivência e proclamação da pessoa e da mensagem de Jesus. Em outras palavras, é um testemunho autêntico, corajoso e comprometido da fé, professada e expressa na vida quotidiana, a partir das pequenas coisas. Puebla a este respeito nos diz:

*Devemos apresentar Jesus de Nazaré compartilhando a vida, as esperanças e as angústias do seu povo e mostrar que ele é o Cristo crido, proclamado e celebrado pela Igreja.*²²

²² Cf. JOÃO PAULO II, Discurso inaugural. In Puebla: Evangelização no tempo presente..., op. cit., p. 15ss.

Portanto, o centro da evangelização é claramente Jesus Cristo, redentor do homem e do mundo. A tarefa de evangelizar deve ser ao mesmo tempo sem ambigüidade tanto para um lado (no plano meramente social e humano), como para o outro (a redução a um âmbito exclusivamente privado e espiritual).

Queremos tratar a evangelização – tarefa primordial de toda a Igreja e de cada cristão – como um compromisso de conversão pessoal e comunitária a Jesus Cristo, através de sua graça, pelo testemunho e pela palavra.

Não podemos nos contentar com assinalar este serviço primordial da Igreja, mas principalmente devemos buscar e apontar caminhos possíveis para a sua realização. A evangelização deve se dar como transformação do conjunto de valores constitutivos da *consciência coletiva* do nosso povo, expressa em seus costumes, instituições, estruturas sociais.

Portanto, só quando se chega realmente ao plano dos valores, àquelas idéias e convicções carregadas de vida e pelas quais o ser humano se orienta e luta pela vida, é que existe uma penetração profunda do Evangelho na vida vivida dos mesmos.

Em contrapartida, se não atingia essa inspiração, com a consequente mudança dos antivalores presentes nas culturas, quando nossa ação evangelizadora terá tocado apenas a superfície, sem conseguir chegar ao coração da vida dos homens e mulheres na sociedade e no mundo. Evangelizar é poder assumir a nossa história e intervir nas suas grandes

questões que o mundo atual atravessa como a redistribuição do pão, a cura da cegueira e o combate à morte com todas as suas ramificações.

Enfim, a Igreja com a evangelização, gera novos filhos e até mesmo pode *reviver* a muitos que ficaram à beira do caminho da vida. Tal processo, que consiste em *transformar desde dentro* com a vida de testemunho e compromisso para renovar a humanidade, é um verdadeiro voltar a nascer. É neste parto que sempre se repete: *Maria é a nossa mãe*.

A Igreja está consciente de que o que importa é evangelizar não de uma maneira decorativa, como um verniz superficial. A Igreja deve optar principalmente por querer evangelizar no mais profundo, na raiz, na cultura dos povos e, voltando-se para Maria, fazer com que o Evangelho se faça carne na América Latina.

*Os novos rumo da evangelização podem ser compreendidos em torno dos dois pólos: inculturação e articulação. O primeiro visa à descentralização e encarnação na multiplicidade dos contextos culturais; o segundo, a unidade do projeto histórico e da fé na perspectiva do Reino... evangelizar, hoje, na América Latina, significa abrir espaços para que os Outros e as Outras pobres possam evangelizar-se e ser evangelizados a partir de suas culturas e histórias. O evangelho denuncia tudo aquilo que destrói a identidade dos povos e corrompe a reciprocidade do gênero, doa bens e da palavra. o seguimento do Verbo encarnado e crucificado no meio dos povos é experiência pascal de Deus na diversidade do Espírito. AQUELE que conhecíamos de ouvir falar, no corpo a corpo da evangelização inculturada, chegaremos a conhecer face a face.*²⁵

Eis a hora de Maria na evangelização, um novo Pentecostes, pois ela está no caminho da vida, a *estrela da evangelização*, sempre renovada, atualizada e inculturada.

Maria é a *estrela da evangelização* porque realmente ela é:

- Aquela que nos conduz e nos aponta inequivocamente o caminho a seguir. Orienta-se por seu exemplo e sua palavra. Ela exige que se caminhe sempre e se desenvolva sem cessar, porque ela própria nunca se deteve em sua peregrinação rumo a Deus;

²⁵ Cf. P. SUESS, *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros: ensaio de missiologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 195.

• Aquela que brilha, e reflete a luz. Em Maria resplandecem de maneira admirável os valores evangélicos. O povo vê nela um *catecismo vivo*, no qual se resumem todas as verdades da fé;

• Aquela que atrai e impele a seguir seu exemplo de total adesão ao Senhor. Seu exemplo possui uma força de atração especial porque é caloroso e próximo. Maria, mulher totalmente evangelizada, evangeliza com a sua presença, pois cada encontro com ela é um encontro com o Evangelho, ou pelo menos deveria sê-lo. Nela podemos perceber uma síntese de valores autênticos e, por isso, verdadeira forjadora de cultura. Sua vida e sua ação em nós e em nossas comunidades deve constituir denúncia e luta contra os falsos valores, sempre presentes e operantes no coração do ser humano, e em suas mais diversas estruturas. Mas, é principalmente convite e estímulo para a vivência dos valores mais nobres e positivos, aqueles que impulsionam o ser humano e os povos todos para a plenitude.

Já muito tempo atrás, e num outro contexto, totalmente diferente do atual, São Bernardo de Claraval (+1153) santo da piedade mariana, exortava para que se olhe sempre a estrela, e que se invoque a Maria:

Ó tu, quem quer que sejas, que te sentes longe da terra firme, arrastado pelas ondas deste mundo, no meio das borrascas e tempestades, se não queres soçobrar, não tires os olhos da luz desta estrela.

Se o vento das tentações se levanta, se o escolho das tribulações se interpõe em teu caminho, olha a estrela, invoca Maria. Se és balouçado pelas vagas do orgulho, da ambição, da maledicência, da inveja, olha a estrela, invoca Maria.

Se a cólera, a avareza, os desejos impuros sacodem a frágil embarcação de tua alma, levanta os olhos para Maria.

Se, perturbado pela lembrança da enormidade de teus crimes, confuso à vista das torpezas de tua consciência, aterrorizado pelo medo do Juízo, começas a te deixar arrastar pelo turbilhão da tristeza, a despenhar no abismo do desespero, pensa em Maria.

Nos perigos, nas angústias, nas dúvidas, pensa em Maria, invoca Maria.

Que seu nome nunca se afaste de teus lábios, jamais abandone teu coração; e para alcançar o socorro da inter-

cessão d'Ela, não negligências os exemplos de sua vida.

Seguindo-A, não te transviarás; rezando a Ela, não desesperarás; pensando nEla, evitarás todo erro.

Se Ela te sustenta, não cairás; se Ela te protege, nada terás a temer; se Ela te conduz, não te cansarás, se Ela te é favorável, alcançarás o fim.

E assim verificarás, por tua própria experiência, com quanta razão foi dito: E o nome da Virgem era Maria.²⁴

2.2 A ação evangelizadora a partir de algumas características de Maria

2.2.1 Maria, exemplo e inspiradora de uma ação evangelizadora libertadora

Este mesmo título poderia ser dito em outras palavras: Maria, mulher profética e libertadora. Hoje em dia é difícil pensar na devoção mariana, pois nosso povo está bastante distante destas características tão importantes que se destacam na figura e pessoa de Maria de Nazaré.

Mas, eis o nosso grande compromisso, pois ao olharmos para Maria, especialmente a mulher de Nazaré, à qual nasce na origem da fé, faz-nos aproximar o olhar, nossa contemplação dessa mulher solidária para com seus irmãos.

Eis um traço característico da espiritualidade mariana: a solidariedade para com os outros, especialmente quando estes são desfavorecidos pelas diferentes circunstâncias da vida.

Portanto, hoje mais do que nunca nossa ação evangelizadora deve promover este tipo de espiritualidade, despreendida de todo tipo de subjetivismo e fechamento, de individualismo e, até mesmo, desencarnada da vida cotidiana. Maria deve suscitar em nosso povo, um compromisso para com aqueles que precisam de vida, de dignidade e principalmente da Boa Nova de seu Filho Jesus. Esta dimensão deve ser primordial em nossos dias e na missão da Igreja no Continente latino americano.

Se quisermos comprovar este fato na vida de Maria, bastaria olharmos com atenção e cuidado as palavras do *Magnificat*, o qual os bispos em Puebla apresentaram como: *o espelho da alma de Maria.*²⁵ Esta característica, portanto não é simplesmente um fator externo e superficial da pessoa de

²⁴ Cf. B. DE CLA-RAVAL, Louvores da Virgem Maria. In AUBRON, P. (Ed.), L'oeuvre mariale de Saint Bernard. Paris: Cerf, Paris, 1936, pp. 68-69.

²⁵ Puebla, op. cit. N. 297.

Maria, mas antes uma atitude que revela quem realmente é, e como é o seu interior.

Uma luz que surge aqui é que a mariologia deve apresentar Maria como seguidora e discípula, fazendo com que a verdadeira devoção a ela, possa traduzir-se mais na imitação de sua vida e de suas virtudes do que na dimensão de veneração e culto.

Fazendo referência à Puebla, esta conferência nos convida a olhar àquela Maria que proclama no hino do *Magnificat* a grandeza do Deus salvador em quem colocou sua fé e esperança, como paradigma da espiritualidade dos pobres de Javé.²⁶ Ao assumir esta espiritualidade, Maria nos dá mostras dela como caminho de salvação.

Portanto, o desafio pastoral da evangelização será sempre o empenho de tentar aproximá-lo do nosso povo latino americano, na grande maioria massas humanas pobres e marginalizadas, com a *pobre de Javé*, a qual fazendo-se pequena diante da grandeza de Deus, conseguiu a maior grandeza humana.

Assim, Maria se apresenta como uma mulher simples e humilde, porém em nenhum momento passiva diante das coisas que a vida lhe foi apresentando. Por isso, ela deve ser a companheira de caminhada nas tristezas e alegrias da vida, motivando-nos a viver a libertação²⁷ enquanto dignidade da pessoa humana: a compaixão, a compreensão, a *solidariedade nas alegrias e esperanças, nas tristezas e nas angústias dos homens do nosso tempo, sobre tudo os pobres e todos os que sofrem*.²⁸

Maria, por ser mãe, nos acompanha sempre; ela partilhou de nossas experiências humanas fundamentais, as felizes e as dolorosas, o amor de mãe e de esposa, mas também a morte, a pobreza, o exílio e a violência. Portanto, neste sentido, podemos entender melhor a atitude de Maria na colaboração com Cristo, na redenção dos homens, o que nos leva a não aceitar as situações injustas com resignação e tranqüilidade, com indiferentismo; mas, diante dos desafios do nosso tempo e das necessidades dos nossos irmãos, ela é um desafio para a imaginação criadora e um convite para assumir o protagonismo da própria história.

Eis uma luz que Puebla nos aponta: formar, a partir da figura e o exemplo de Maria, cristãos, discípulos e missionários comprometidos na história, sendo também protagonistas da mesma, e não só meros espectadores.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Termo que hoje não podemos só reduzir a uma categoria. Porém deve-se pensar no seu sentido mais amplo e integral.

²⁸ Cf. *Gaudium et Spes*. In Compêndio do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 2000 [1968], n. 1.

Obviamente, não podemos deixar de mencionar aqui que tudo isto surge da figura de uma mulher, Maria de Nazaré, a qual, durante muito tempo, na tradição e reflexão teológica mariana, teve sua imagem vinculada às características seguintes: *era a da virgem e mãe meiga, doce, piedosa, humilde, submissa, totalmente voltada a Jesus e à sagrada família.*²⁹ Portanto, em nossa ação evangelizadora, levando em conta uma realidade onde a mulher hoje conquistou o seu espaço na sociedade e na Igreja, Maria deve servir como imagem de profetiza, mulher corajosa e forte, comprometida com os seres humanos que necessitam de sua ajuda.

Enfim,

a mulher contemporânea, desejosa de participar com poder de decisão nas opções da comunidade, contemplará com íntima alegria a Virgem Santíssima, que, assumida para o diálogo com Deus, dá o seu consentimento ativo e responsável (LG 56), não para a solução dum problema contingente, mas sim da obra dos séculos como foi designada com justeza a Encarnação do Verbo; (65) dar-se-á conta de que a escolha do estado virginal por parte de Maria, que no desígnio de Deus a dispunha para o mistério da Encarnação, não foi um ato de fechar-se a qualquer dos valores do estado matrimonial, mas constituiu uma opção corajosa, feita para se consagrar totalmente ao amor de Deus; verificará, com grata surpresa, que Maria de Nazaré, apesar de absolutamente abandonada à vontade do Senhor, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo (cf. Lc 1,51-53); e reconhecerá em Maria, que é a primeira entre os humildes e os pobres do Senhor (LG 55), uma mulher forte, que conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (cf. Mt 2,13-23), situações, estas, que não podem escapar à atenção de quem quiser secundar, com Espírito evangélico, as energias libertadoras do homem e da sociedade; e não lhe aparecerá Maria, ainda, como uma mãe ciosamente voltada só para o próprio Filho divino, mas sim como aquela Mulher que, com a sua ação, favoreceu a

²⁹ Cf. L. BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1979, p.197.

*fé da comunidade apostólica, em Cristo (cf. Jo 2,1-12), e cuja função materna se dilatou, vindo a assumir no Calvário dimensões universais.*³⁰

³⁰ Cf. PAULO VI, *Marialis Cultu*, n. 37.

2.2.2 *Maria, discípula e missionária*

Eis um dos temas tratados na V Conferência Geral do CELAM, em Aparecida, e ele sempre deve nos ajudar a iluminar nossa ação evangelizadora. E falando disso, podemos afirmar que Maria deve nos ajudar sempre mais a viver em nossas comunidades a dupla experiência do discipulado e da missão.

A sua figura deve nos estimular e incentivar nos tempos em que vivemos, ajudando-nos a viver na Escola do único Mestre, na escuta atenta da Palavra de Deus, e na resposta a ela no seguimento radical de Jesus.

A este respeito poderíamos trazer presente então, um trecho de um belo sermão de Santo Agostinho que fala a este respeito, dizendo que em Maria:

*é mais importante a sua condição de discípula de Cristo do que a de Mãe de Cristo; ela é mais ditosa por ser discípula de Cristo do que por ser Mãe de Cristo.*³¹

³¹ Cf. SANTO AGOSTINHO, *Sermo 25*, 7: PL 46, col 937.

Parece estranha uma afirmação deste tipo proferida pelo grande Santo Agostinho sobre Maria. Porém, o que queremos realmente apontar é o fato que, ao longo de vários séculos, a teologia e o Magistério tenham insistido mais na maternidade divina da Virgem Maria, a *Theotokos* - correndo o enorme perigo de alçar Maria cada vez mais e de torná-la inexequível aos olhos e às práticas e vivências de nosso povo – do que a discípula e seguidora de Jesus.

Portanto, pôs o olhar em Maria e ressaltar sua figura de discípula a aproximam de nós, a humaniza plenamente e nos ajuda a compreender melhor que, como nós, como crente e como discípula de Jesus, ela pode ser um estímulo e até mesmo um exemplo simples a ser seguido.

Nas nossas ações evangelizadoras, devemos sempre voltar o nosso olhar para estas dimensões tão importantes da pessoa e da figura de Maria. Aproximando o nosso povo da grande discípula de Jesus, a fim de que colhendo desta experiência ele possa ser primeiro e antes de tudo discípulo.

O discípulo, como seguidor de Jesus, vive uma fase muito importante de aprendizagem. Ser discípulo é se colocar no caminho da vida, assumindo esta como uma verdadeira peregrinação, na qual devemos buscar incessantemente um encontro permanente com o Mestre e Senhor. Então, desse modo, em Maria isto tudo se percebe claramente, onde ela se faz também peregrina da fé.

A este respeito já o Concílio Vaticano II ao propor uma renovação a respeito da mariologia dizia contundentemente as seguintes palavras:

Na vida pública de Jesus, Sua Mãe aparece significativamente. Já no começo, quando, para as núpcias em Caná da Galileia, movida de misericórdia, conseguiu por sua intercessão o início dos sinais de Jesus, o Messias (Jo 2, 1-11). No decurso da pregação de seu Filho ela recebeu as palavras pelas quais... Ele proclamou bem aventurados os que ouvem e guardam a palavra de Deus (Mc 3, 35 e Lc 11, 27-28), tal como ela mesma fielmente o fazia (Lc 2, 19 e 51). Assim Maria avançou em peregrinação de fé. Manteve fielmente sua união com o Filho até à cruz, onde esteve não sem desígnio divino (Jo 19, 25). Veementemente sofreu junto com seu Unigênito. E com ânimo materno se associou ao Seu sacrifício.⁵²

Eis, enfim, o nosso grande desafio na tarefa evangelizadora que como Igreja levamos em frente. Uma grande luz que as Conferências Gerais da CELAM nos mostram é a de re-descobrir Maria como discípula e missionária do Evangelho. Maravilhosa aventura e ao mesmo tempo um belo escopo para toda a Igreja, em especial para a latino-americana e caribenha. Para tentar cumprir com êxito este desafio, é preciso, ao menos, realizá-lo à luz do Novo Testamento, por ser ele a Palavra de Deus, fonte de vida e de ensinamento.

Portanto, como afirma contundentemente o Pe. Carlos G. Alvarez:

Confiamos em que este voltar às fontes da Palavra para compreender a figura e a missão de Maria ao lado de seu Filho seja para as comunidades da América La-

⁵² Cf. *Lumen Gentium*. In *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 2000 [1968], n. 58.

*tina uma benção e uma graça que lhes permita não somente bendizê-la gozosamente por ser discípula, Mãe e fiel, mas também seguir seu exemplo e entrar generosamente no círculo dos que escutam a Palavra de Jesus e a vivem, com ela, fazendo dessa palavra um acontecimento de salvação e de graça.*⁵³

⁵³ Cf. C. G. ÀLVAREZ. *Maria discípula de Jesus e mensageira do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 9.

Finalmente, como pista de ação evangelizadora, o que fica realmente marcado é que precisamos voltar à Palavra do Novo Testamento, redescobrir o ensinamento teológico das primeiras comunidades e questionar nossa vivência atual da fé. Numa leitura orante da Palavra, as nossas comunidades têm muito que aprender de Maria, discípula e missionária do Evangelho, e principalmente muito a viver.

Afirmar que a Mãe de Jesus é discípula de seu Filho significa, certamente, *contemplar Maria de maneira diferente*. Pensar em Maria como discípula corresponde a uma exigência para a Igreja, interpelada hoje a viver a *hora do seguimento*. Na realidade, lembra nossas origens, porque é considerada, e o foi realmente, *Igreja nascente*. Nela começamos a existir como comunidade de fieis e seguidores.

Maria é saudada como membro excelente da Igreja, seu protótipo e exemplo eminente na fé e na caridade.⁵⁴ Fazer memória de Maria é particularmente significativo para a Igreja, porque nela se encontra um estilo de seguimento de Cristo que se distingue pela *coerência* e pela *fidelidade*. Aprendemos de Maria, sobretudo a meditar no coração o Mistério de Cristo, a crescer no seu conhecimento vital e a testemunhá-lo no louvor e a profecia.

2.2.3 Maria, o humano permeado do divino

Maria é o humano permeado do divino em todas as suas dimensões e recantos. Sua humanidade inteiramente aberta e penetrada, sua participação plena no projeto do Reino, ajudam-nos a perceber quem é o Deus desse Reino.

Sabemos que Cristo é a conjunção perfeita do divino e do humano. Maria é totalmente humana, e entre os humanos é a mais próxima a Deus. Porém, ao mesmo tempo, é a mais próxima aos homens pela sua afinidade com a obra popular. O nosso povo quer uma Igreja humana e Maria é figura e mãe da Igreja.

⁵⁴ Cf. I GEBARA - M. C. BINGEMER, *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres*. op. cit., p.29.

Maria simboliza todos os seres humanos, seres finitos em constante construção, abertos à ação de Deus. Estes traços de Maria devem inspirar sempre e mais, nossas atitudes de vida, enquanto cristãos e membros da Igreja.

Este tema deve ser uma luz que ilumina a ação evangelizadora da Igreja em nosso Continente hoje, diante de tantas situações concretas que desumanizam a tantos irmãos e irmãs que vivem sem dignidade. Em primeiro lugar, e antes de tudo, a Igreja é chamada a formar seres humanos, a ser promotora da vida plena e da dignidade para todos, sem excluir ninguém. Pelo que quanto mais humana seja a vida, mais plena e repleta de sentido ela será.

Ao falar da presença de Maria neste processo devemos reconhecer que:

Maria é mais do que «simplesmente Maria», é mais do que a mãe de Jesus, é mais do que o povo simbolizado numa mulher. Maria é criação divina do humano e no humano... E o divino e o humano estarão vivos, enquanto durarem o homem e a mulher.³⁵

³⁵ Idem

Portanto, surge mais uma vez um grande desafio para a teologia mariana hoje: como mostrar que a *Nossa Senhora*, a *Rainha três vezes admirável*, a *Imaculada*, é a mesma Maria de Nazaré? Eis o desafio, hoje mais urgente que nunca, de resgatar a dimensão humana e existencial de Maria, articulando-a com sua condição atual de pessoa glorificada.

O mistério de Maria traz, também, uma palavra nova sobre o ser humano, uma palavra que diz que este ser – feito à imagem e semelhança de Deus – não pode ser reduzido ao confinamento do individualismo, à estreiteza do sexismo, à alienação do idealismo. Vejamos:

Maria, figura coletiva, símbolo do povo fiel de cujo seio brota a Nova Criação, desdobra diante do humano todos os seus infinitos horizontes de inenarráveis possibilidades, ajuda a antropologia teológica a repensar-se de rosto voltado para o infinito de Deus.³⁶

³⁶ Idem, p. 201.

Nunca podemos desligar evangelização e promoção humana, esta última entendida no seu sentido mais amplo e integral possível. O ser humano, homem e mulher, a quem

se dirige a evangelização, não é um ser abstrato, mas sujeito aos problemas sociais, espirituais e econômicos. Nunca podemos dissociar o plano da criação daquele da redenção.

Por conseguinte, quando como Igreja nos preocupamos com a promoção do homem, não devemos pensar que tal faça a Igreja se desviar de sua missão principal. O fato de promover a vida e a dignidade para todos, como o fez Maria, que é a imagem da Igreja, faz parte da fé cristã e do Evangelho.

A eficácia da redenção de Cristo se condensa e já se acha plena e claramente numa criatura: Maria. Nela se encontra totalmente restabelecida a ordem sonhada por Deus. Portanto, Maria é a forjadora ativa da vida plena do povo, dos valores humanos e cristãos que humanizam a tantos e tantas que vivem distantes de vida plena e dignidade. Com seu exemplo assinala valores-chave, e com sua ação os plasma no coração dos seres humanos de hoje.

A revelação do rosto materno de Deus, através de Maria, chama a Igreja a deslocar-se do centro de poder para os lugares sociais relegados e distantes. Assim, nossa ação evangelizadora e missão serão a de se colocar a serviço da luta pela vida abundante, para todas as pessoas, com toda a dignidade humana, enviesando a plenificação em Cristo.

Maria, como garantidora da grandeza feminina,

se expressa, sobretudo, na sua vocação de ser mulher, e de ser mãe. Portanto, a boa nova da salvação penetra a feminidade, redime-a e exalta-a. Este é o modo de ser mulher de Maria (...) Maria nos dá a conhecer o modo de ser feminino e o modo de ser masculino do Deus-Comunidade relacionada, em vista da pessoa humana, quando levanta a questão de como poderia ser mãe sem ter relações conjugais (cf. Lc 1, 34). Com tal objeção Maria nos mostra um Deus que irrompe como um Deus pessoal, capaz de entrar em relação com as pessoas, capaz de manifestar o seu modo de ser feminino e o seu modo de ser masculino como caminho novo a ser feito pela mulher e pelo homem juntos, ombro a ombro, na construção de uma sociedade mais humana, digna e justa, sociedade esta que aponta para o projeto da Comunidade divina, que é a concretização do Reino revelado e anunciado por Jesus Cristo.

*O ser mulher e o ser homem têm agora um novo conteúdo: o de viver o novo céu e a nova terra ainda não descobertos, evocando o mistério de Deus que transcende o masculino e o feminino, mistério que esta além e acima das imagens, dos nomes que lhe atribuímos, e ultrapassa as experiências de fé que fazemos a partir do nosso contexto.*³⁷

2.3 A obra de evangelização nos santuários marianos

Queremos apresentar a importância de olharmos com carinho para os santuários marianos, pois são lugares onde poderemos encontrar maior participação e presença de fiéis, sendo eles ordinariamente visitados por um grande número de fiéis peregrinos, inclusive por aqueles que talvez nem sequer freqüentem comumente outros templos, nem tenham um forte compromisso com a fé.

Basta-nos prestar atenção a estes lugares de peregrinação nos países do nosso Continente durante suas festas. Por exemplo, ir à Aparecida em um 12 de outubro, à Luján, na Argentina, num 8 de Maio, ao Santuário de Nossa Senhora do Carmo, no Chile, em um 16 de Julho, e assim por diante. Lembremo-nos, também, daqueles santuários regionais, onde o povo se encontra com a mãe, com a padroeira.

Um fator que cada dia mais cresce e se pode comprovar é que vários de nossos templos e igrejas estão quase vazios, com liturgias e pastorais, na sua maioria, realizados segundo gostos e experiências pessoais; os fiéis vão em massa aos santuários marianos. Inclusive podemos notar que sempre estes fiéis procuram o sacramento da confissão, que comungam, rezam, pedem e esperam, e que expressam a mais singela e nobre dimensão da fé popular.

Assim, se quisermos apontar alguma luz para nossa ação evangelizadora, nunca poderíamos deixar de lado este fator tão importante como são os santuários marianos no nosso Continente. Sendo que a um espírito atento não poderá jamais escapar esta preocupação de tentar descobrir que valores nosso povo encontra nestes santuários. Não por mera ação pastoral, mas para brindar uma evangelização mais adequada às necessidades e situações em que vivemos hoje *em dia*. Poderemos sempre propor um serviço pastoral mais adequado, que ajude nossos irmãos a se aproximarem, em

³⁷ Cf. Lina. BOFF, *Maria na vida do povo: ensaios de mariologia na ótica latino-americana e caribenha*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 125-126.

suas visitas a esses templos e santuários, do Evangelho de Jesus Cristo.

É um fato a cada dia mais comprovado que a religiosidade popular manifesta-se naquelas culturas que exigem lugares e tempos determinados. O tempo e o espaço são realmente categorias que, de uma forma ou de outra, identificam nossa *habitação* como seres humanos. Por isso, o nosso povo procura a Maria nos seus santuários e celebra em massa as suas festas com alegria e gozo. Os santuários representam muitas vezes para cada povo, sua *habitação*, onde a mãe lhes permite celebrar a vida, apesar da vida ser-lhes bastante difícil. Vemos, portanto, que Maria se encontra com o povo no tempo e no espaço, quer dizer, nos santuários a ela dedicados.

Esta luz se faz necessária hoje em dia, pois, se nota que, como já foi dito, muitos fiéis peregrinam a estes lugares para encontrar-se com Deus através da mãe, Maria. Estas peregrinações são geralmente bem organizadas, programadas, feitas a pé, de bicicleta, montando em algum animal ou em outros tipos de romarias. Todos os peregrinos chegam com uma esperança tão grande, muitas vezes sendo levados pela necessidade e até pela angústia, em ocasiões que são como um grito de uma fé perdida ou pelo menos angustiante, que pede ajuda. É evidente que se não estivermos bem preparados, com uma pastoral adequada, poderemos causar um grave dano para estas pessoas. E quando dizemos *pastoral adequada*, nos referimos à acolhida, à liturgia, aos cantos, aos lugares para rezar, às palavras dirigidas aos fiéis nas homilias etc. Portanto, os santuários são excelentes meios de evangelização.

Quando falamos da ação pastoral evangelizadora, que surge dos santuários devemos ter sempre presente os critérios que fundamentam tal ação. Eles são: sustentar a fé dos cristãos, uma fé que deve ser conhecida, celebrada e vivida. A fé conhecida é a finalidade de toda e qualquer ação evangelizadora, e por isso mesmo esta deve ser a perspectiva mais importante de um santuário: permanente antena da Boa Nova da Salvação. A fé celebrada, simplesmente, e sem grandes desenvolvimentos seria, primeiro, fé expressada mediante a participação sacramental, o culto litúrgico; a oração particular dos fiéis deve ser sempre encaminhada ao propósito de toda expressão de fé na Igreja: a salvação trinitária do homem, realizada em Jesus Cristo.

Nesse sentido, a fé celebrada deve ficar clara na disponibilidade dos pastores para atender aos fiéis que se aproximam dos sacramentos. A fé vivida tem suas consequências no fato de que a verdadeira devoção à Mãe de Deus não pode limitar-se aos atos de piedade individuais, nem somente ao culto. Não é possível haver devoção verdadeira que não se fundamenta na caridade, e não há caridade onde não haja anúncio do amor de Deus aos irmãos, na palavra e no amor operante.

Finalmente, considerando os santuários marianos como uma verdadeira luz para a ação evangelizadora, ressaltamos mais uma vez que a peregrinação dos fiéis a estes santuários constitui uma bela oportunidade e ao mesmo tempo uma privilegiada chance para o encontro com uma fé cada vez mais purificada, que os conduz a Cristo. Mas, é obvio, que não poderemos nunca desconsiderar a presença materna de Maria como caminho que conduz a Deus.

2.4 Maria e o ecumenismo³⁸

Se acreditamos na ação do Espírito Santo que atua para além das fronteiras de cada igreja e de cada cultura vistas e consideradas como cristãs, e que é o Espírito que as une para a salvação de todos, não podemos mais retardar a passagem do ecumenismo eclesiológico para o ecumenismo do serviço na construção do Reino da justiça e da misericórdia. Não podemos mais prorrogar para amanhã o compromisso de criar novas iniciativas e atuá-las enquanto é tempo. Do contrario, Maria, a Filha de Sião, não poderá tornar-se para todos, sinal de unidade humana e cristã. Podemos até acreditar e considerar-nos mulheres e homens de unidade. Mas de qual unidade? Até que ponto estamos abertos ao sopro desse Espírito da unidade, na diversidade do culto, da tradição e da própria religião?

*O encontro de todos os povos e de todas as culturas na oikoumêne enquanto universalidade do anúncio na diversidade das expressões culturais da fé, conserva estreita relação com o processo do Reino.*³⁹

Eis um belo texto e uma profunda reflexão que pode nos iluminar na hora de pensar como o ecumenismo pode ser hoje uma das luzes para a nossa ação evangelizadora.

³⁸ A palavra ecumenismo e em particular o adjetivo ecumênico são atualmente empregados em dois sentidos: no sentido do grego clássico oikoumêne que indica o mundo habitado, mais especificamente o mundo da cultura grega ou romana. E assim refere-se também à doutrina oficial ortodoxa, comum à Igreja oriental e ocidental. Somente no período de 1920-1930 a palavra ecumenismo / ecumênico é usada para indicar o movimento pela unidade dos cristãos. Todos os esforços e iniciativas que tendem à unidade dos cristãos e suas religiões entram nesse sentido. Aqui utilizamos o termo no seu sentido mais restrito que tem como objetivo a unidade entre as igrejas cristãs separadas. Cf. Jos E. VERCRUYSE, Dicionario di teologia fondamentale, citado por Lina Boff, op. cit. p., 111.

³⁹ Cf. Lina BOFF, *Maria na vida do povo...* Op. cit., p. 111-112.

Ao procurar luzes concretas que iluminem nossa ação evangelizadora, não podemos desconsiderar o fato atual e desafiante do movimento ecumênico, o qual deveria ser um dos pontos de partida para uma autêntica renovação da teologia mariana. É por todos conhecido que existem elementos mariológicos que às vezes são ocasião de ruptura entre pessoas de diferentes denominações religiosas. Isto não deveria acontecer, pois a mãe de todos os filhos não pode gerar discórdia na própria família.

As Conferências Gerais do CELAM, na sua maioria, não levaram em consideração o que poderia se tornar uma luz para a ação evangelizadora, a partir do diálogo e daquilo que temos em comum com as outras Igrejas. E como já mencionamos anteriormente, o intuito das mesmas não foi precisamente realizar uma reflexão a partir da teologia mariana. Mas o que podemos com certeza afirmar é que o Concílio Vaticano II poderá servir bastante nesta tentativa de aproximar Maria e o ecumenismo.

Sabemos que o diálogo ecumênico nem sempre é tarefa simples, inclusive já se apresenta difícil o diálogo interno na Igreja. Mas, vejamos o que diz M. Lutero sobre Maria, comentando um trecho do *Magnificat*: *há de durar de geração em geração e não haverá época em que ela não seja louvada.*⁴⁰

É verdade, porém, que, nesse mesmo comentário, o autor se refere às deturpações e abusos no culto a Maria, que a seu ver ofuscam a fé na mediação única do Cristo para a salvação. Pelo que, não podemos deixar de considerar que existam pessoas que buscam auxílio e consolo em Maria como numa deusa; isto denotaria idolatria.

O diálogo e o ecumenismo devem nos levar a venerar, honrar, respeitar e louvar à Virgem Maria, mas, principalmente, deve nos motivar a imitar o seu exemplo. Assim, a devoção a Maria deve ajudar o cristão a compreender e viver o mistério de sua própria vida, que procede constantemente do Cristo.

Sabemos e vimos, no decorrer deste ensaio, que é um fato histórico que a figura de Maria tem sido um dos temas privilegiados na religião popular e na evangelização. O povo vê em Maria, a Mãe sempre atenta às necessidades dos filhos. Nunca se deve desprezar a fé dos humildes, mas é preciso, e se faz necessário e urgente, prestar atenção para que essa fé seja integrada no Mistério de Cristo. Isto fará como que se

⁴⁰ Cf. M. LUTERO, *Louvor de Maria* (O *Magnificat*). São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 55.

renuncie a uma mariologia centrada exclusivamente na figura de Maria, para reencontrar a autêntica teologia mariana no Mistério de Cristo e da Igreja. E isto deve ser levado em conta na ação pastoral e evangelizadora.

Cabe-nos agora fazer uma pergunta: como a devoção a Maria poderá ajudar-nos hoje a anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, para que seja Boa Notícia para os nossos povos de América Latina, especialmente para os *nossos rostos* da pobreza, que os bispos em Aparecida nos falaram: os desempregados, os refugiados, os migrantes, os aidéticos e os tóxicos dependentes, a população de rua, as mulheres vítimas da violência e da exploração sexual, os presos e tantos outros?

Ao olharmos para a figura de Maria na Escritura, especialmente no canto do *Magnificat*, sendo bem contextualizado, poderíamos ser guiados nesse sentido. E é bom lembrar que o impulso mais fecundo para o movimento ecumênico vem do empenho comum das Igrejas na busca de uma resposta concreta aos urgentes problemas sociais de nosso continente.

Maria ensinará às Igrejas a acolher e anunciar o Evangelho, junto com o significado do amor misericordioso de Deus, revelado no Cristo, o poder do braço do Senhor, que *derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes, cumula de bens os famintos e despede vazios os ricos* (cf. Lc 4, 50s).

CONCLUSÃO

Chegando ao final deste trabalho, percebemos um pouco o caminho destes mais de quinhentos anos de vida e de história, de luzes e de sombras, do nosso continente e da presença de Maria no mesmo.

Podemos, entretanto, afirmar que é um fato inegável que a devoção a Maria é característica do cristianismo latino-americano mais popular, persistente e original. Ela está presente nas próprias origens do cristianismo do novo mundo. Desde os começos, a presença de Maria conferiu dignidade aos pobres, esperança aos explorados e motivos para lutar pela vida digna para todos.

Sabemos que Deus não se revela através de grandes definições, nem tratados de teologia dogmática. Quando Deus quis dar-se a conhecer, Ele se encarnou! Quando se fez um de nós, em Jesus de Nazaré, peregrinou pelos nossos cami-

nhos, assumiu nossas dores e nos conduziu a uma esperança mais alta, cujo fim é a Redenção. Com certeza, Maria sabe bem isto!

Assim também, quando Deus quis se revelar aos povos ameríndios, falou pelos seus missionários que entregaram seus corações e suas vidas pela causa do Evangelho, que se fizeram um com os primeiros habitantes deste chão, para lhes mostrar o amor de Deus. Porém Deus mostrou o seu rosto materno e suas entranhas de misericórdia no doce rosto da Virgem Maria.

Foi ela quem abriu, de par em par, as portas da América Latina para que o Evangelho fosse semeado. Foi ela quem com seu calor de mãe acompanhou, acompanha e com certeza acompanhará a caminhada e a vida dos povos deste continente. Foi ela que do monte Tepeyac nos disse e nos repete a cada momento da história: *Não estou eu aqui que sou sua mãe.*

Maria se tornou na América Latina Evangelho vivente, primeira discípula de seu Filho Jesus, vivendo o que Cristo viveu e fazendo o que Ele fez. Ela não manifesta o incansável, mas ao contrário, revela a Verdade, porque é a Verdade que nos torna livre!

Maria é a mãe de um povo novo, assume suas características. No seu coração estão gravadas a fogo as dores e esperanças desta nova raça. No rosto das Marias,⁴¹ o nosso povo experimenta sempre, e a cada dia mais, que a Virgem Maria não lhe é alheia, nem muito menos distante.

Maria é o Evangelho vivente na nova evangelização. Diante da urgência de cooperar na nova evangelização, devemos nos sentir convidados a responder adequadamente, dando o nosso aporte. Maria, nossa mãe! Por ela, Jesus e seu Evangelho chegaram ao coração de nosso povo. A ela teremos que olhar para aprender da sua pedagogia evangélica.

A nova ação evangelizadora que o nosso mundo hoje nos pede, faz-nos descobrir em Maria características particularmente essenciais da Boa Nova, que teremos que aprender: profunda relação com Jesus de Nazaré, pobreza, caridade, fidelidade, obediência ao Espírito e fé em que o Reino de Deus já esta presente em meio ao nosso povo com seu poder transformador.

Diante desta nossa tentativa, encontramos nas palavras de João Paulo II um belo incentivo para continuar neste caminho

⁴¹ Guadalupe, Aparecida, Luján, de Trinta e Três, do Carmo, Caacupé, Copacabana, etc.

de unir à teologia acadêmica àquela da vida e da piedade do nosso povo; vejamos como podemos sintetizar esta convocatória para a evangelização:

Uma nova evangelização da América latina, que desenvolva com mais vigor um potencial de santidade, um grande impulso missionário, uma vasta criatividade catequética, uma manifestação fecunda de colegialidade e comunhão, um combate evangélico de dignificação do homem para gerar, no âmago da América latina, um grande futuro de esperança. ⁴²

A Igreja da América Latina e do Caribe deverá, sempre e mais, lançar-se com novo ardor em sua missão permanente, nesta mudança de época. Por isso, nossa proposta tentou ser: olhar para Maria. Ela faz os seus filhos, sem distinção alguma, sentirem-se no abrigo do seu manto santo,⁴³ mas também os trata como sujeitos comprometidos com a missão evangelizadora. Maria, em Aparecida, nos convoca a *deixar as redes* e tornar-nos missionários e missionárias no mundo de hoje, que tanto clama por libertação, por vida, por Evangelho.

Finalmente, podemos perceber que Maria faz parte do povo (é do povo), pois ao longo de todo o nosso continente, caminha com seus filhos, animando-os e os encorajando no caminho da vida. Isto nós o sentimos profundamente quando as pessoas cantam, nos diferentes idiomas:

Pelas estradas da vida, nunca sozinho estás, contigo pelo caminho, Santa Maria vá. Oh! vêm conosco, vêm caminhar, santa Maria vêm.

⁴² Cf. JOAO PAULO II, Discurso em Santo Domingo, em 12 de outubro de 1984.

⁴³ *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007, n. 282.

